O ACADEMICO

REVISTA QUINZENAL LITTERARIA

NUMERO 3 — 1 ANNO

A REFORMA
DO
MARQUEZ DE POMBAL

VI

Ao lado da reforma official o marquez de Pombal abriu tambem as portas ao ensino publico por meio do elemento ecclesiastico. Recorda-se o leitor de que, no intuito de dominar exclusivamente a intelligencia da nação, a companhia de Jesus monopolisára o ensino ministrado pelas ordens religiosas. Tambem esta fonte da instrucção foi libertada pelo marquez. Estatuiu um principio geral: as congregações e os mosteiros que desejassem estabelecer ao publicos escolas de humanidades, de linguas, de historia e de litteratura deviam adoptar o plano de estudos e os methodos fundados na universidade de Coimbra. As ordens religiosas correram alvoraçadas ao convite, e esta fonte do ensino, serio e gratuito, foi das mais proveitosas para a instrucção litteraria desde a reforma do marquez até á extincção das ordens.

É uma justiça que se deve fazer.

O celebre Fr. Manoel do Cenaculo, collaborador do marquez de Pombal na reorganisação geral da instrucção publica, oratoriano, e depois bispo de Beja e arcebispo de Evora, um dos homens a quem deve mais serviços a causa da instrucção, provisor e reformador geral da ordem de S. Francisco, publicou em identico sentido, para o convento de Jesus em Lisboa, a notavel reforma dos estudos, ou antes cursos completos de sciencias naturaes, litterarias e de linguas. (1)

Aquelle plano serviu de norma ás instituições do ensino publico pelas outras ordens religiosas.

A congregação do Oratorio no hospicio das Necessidades e a sua filial na casa do Espirito Santo, os cruzios, os bentos e os demais mosteiros principaes na capital e nas provincias, seguiram as mesmas instrucções e levantaram os estudos do abatimento em que jaziam. No celebre mosteiro de Alcobaça ergueu-se tambem para seculares um grande centro de ensino de humanidades, historia, linguas, em que entrava, alem do latim e francez, o grego, hebraico, arabe. Os mosteiros reputavam a nova organisação dos seus estudos uma transformação completa e confessavam-o reconhecidos. O dos monges de S. Bernardo escrevia no seu plano estas palavras notaveis: «A instrucção da mocidade portugueza, que em todos os seculos fez nos mosteiros escólas publicas de virtudes e de sabedoria, vae começar *de novo* em Portugal, com escólas, com faculdades, com doutrinas e methodos, que por quasi dois seculos estiveram escurecidos n'este horisonte antes do feliz reinado de sua magestade el-rei D. José» (1)

O elemento ecclesiastico das congregações e dos mosteiros collocava-se d'este modo ao lado official, auxiliando-se ambos mutuamente, pela iniciativa do reformador.

Qualquer das reformas da instrucção, de per si, emprehendidas pelo marquez de Pombal, seria um progresso, mas o que promoveu realmente no reino uma revolução na educação geral foi o complexo de todas ellas, como estamos expondo. O espirito nacional ressuscitou da epocha jesuitica em pleno governo absoluto, exactamente como do governo absoluto costumam nascer as instituições liberaes. O pensamento harmonico e homogeneo progredia.

D. Antonio da Costa.

(Continúa)

(1) Fr. Manuel do Cenaculo, *Plano das reformas da terceira ordem de S. Francisco*, approvado por alvará de 3 de Junho de 1769, e o *Plano dos estudos*, approvado por alvará de 3 de janeiro de 1774.

(1) *Plano dos estudos do real mosteiro de Alcobaça*, approvado por alvará de 1 de março de 1776.

A MÃE E O FILHO MORTO

A pobre da mãe cuidava
Que o filhinho inda vivia;
E nos braços o apertava!
O coração que batia
Era o d'ella, e não do filho
Que já do somno da morte
Havia instantes dormia!

Olhei, e fiquei absorto
Na dôr d'aquella mulher
Que tinha, sem o saber,
Nos braços o filho morto!

Resava, e do fundo d'alma!
Em quanto a infeliz resava
O pobre infante esfriava!
Quando gelado o sentira,
O grito que ella soltou,
Meu Deus! — que dôr expressou!

Pensei então: — A mulher,
Para alcançar o perdão
De quantos crimes tiver,

Na fervorosa oração
Basta que possa dizer:
«Tive um filhinho, Senhor,
E o filho do meu amor
Nos braços o vi morrer!

Lisboa.

BULHÃO PATO.

DA DIFFUSÃO DA POESIA PROVENÇAL

NAS

CORTES PENINSULARES

Não se póde formar uma ideia clara do modo de communicação da poesia dos trovadores nas varias côrtes da Peninsula, sem descrever a situação especial d'estas para com os centros d'onde irradiaram os cultores da *Gaya sciencia:* sem vêr como essas côrtes estabeleceram a independencia politica ou a foram perdendo, dando assim logar pelo seu isolamento á formação de dialectos romanicos especiaes: finalmente pelas relações d'essas côrtes, se fixa, não só o modo de propagação do gosto provençal, mas sobre tudo sobresaem com uma certa originalidade de formas os vestigios tradicionaes resultantes de caracteres ethnicos até agora não considerados. O intervallo historico que comprehende estas questões complexas é pequeno, se tomarmos como ponto de partida a primeira manifestação da poesia provençal em Guilherme IX, duque da Aquitania, e se terminarmos na constituição da primeira unidade nacional da peninsula, isto é, na independencia da nacionalidade portugueza firmada pela batalha de Aljubarrota — (1087-1385).

Tanto na marcha politica da peninsula, como na successão das suas transformações historicas, os seus movimentos sociaes caracterisam-se em dois actos repetidos quasi periodicamente: formação de pequenos estados até á sua unificação em uma grande nacionalidade, e desmembração d'essa nacionalidade outra vez em pequenos estados, quer pela força de invasões de novas raças, ou por heranças monarchicas.

Exemplifiquemos: a raça turaniana ou iberica, fascinando-se com o elemento ligurico ou celta, produz trez pequenos estados, os Galaceos, os Luzitanos e os Bastulos. Pela acção civilisadora das feitorias phenicias, estes elementos tendiam a converter a civilisação bastulo-phenicia como o centro de uma unificação nacional; este facto foi perturbado pelo conflicto das colonias e feitorias gregas com as feitorias carthaginezas, fazendo intervir por necessidade da lucta o poder dos Romanos. Foram estes que realisaram pela sua administração, pela lingua, pela jurisprudencia, a unificação nacional hispano-romana. Outra vez se deu a desmembração da peninsula hispanica pela invasão germanica, fundando-se as monarchias dos Alanos, dos Suevos e dos Vandalos; da mesma causa de desmembração proveio o impulso de unificação pelo esforço dos Godos — (542-649). A esta unidade da monarchia gothica resistem por differenciação ethnica os Asturos, os Cantabros e os Bascos, e completa-se o seu desmoronamento pela invasão dos Arabes, que se apoderam de quasi toda a peninsula em menos de dois annos.

Aqui começa a moderna vida historica dos povos peninsulares; a sua actividade resume-se ainda n'esse movimento de oscillação, no qual pelo sentimento da reconquista christã se estabelecem dois nucleos de unificação nacional, o reino das Asturias e o de Navarra, comprehendendo o primeiro Galliza, Portugal e Castella, e o segundo Aragão. Da parte dos Arabes, não obstante a unidade de lingua, de crença e de raça, a tendencia separatista fal-os desmembrar-se nos reinos de Toledo, de Badajoz, de Sevilha, de Granada, de Malaga, de Almeria, de Murcia, de Valencia, de Denia e das Baleares. A medida que prepondera a federação nos pequenos estados christãos, ou que um monarcha mais audacioso ou um menos dotado de sentimento de justiça se apodera dos outros reinos visinhos, o poder dos arabes diminue. Muitas vezes os kalifas arabes entram nas ligas christãs contra a ambição despotica de um monarcha que se torna invencivel pela grandeza de seus estados.

N'estas luctas sem planos politicos e sem outro intuito mais do que o arbitrio pessoal, a unidade politica chegou quasi a formar-se por Sancho, o Magno, por Affonso VII de Leão, e por Fernando de Castella, mas elles mesmos a destruiram com a distribuição dos diversos estados por seus filhos. É por isso que o primeiro estado que fixa a sua unidade inalteravel foi Portugal, constituindo-se de condado leonez em monarchia autonomica (1114) e só no fim do seculo XV é que Castella pôde tornar-se o centro da unidade politica hespanhola.

Todos estes successos vitaes se ligam á manifestação da cultura litteraria, como producção de dialectos romanicos, reapparição de tradições por causa da resistencia local, propagação das formas poeticas e razão das suas caracteristicas.

(*Continúa*)

THEOPHILO BRAGA.

SONETO ARCADICO

O snr. Antonio Leite C. P. de Mello, de quem apresentamos hoje a publico o seguinte soneto, é auctor de um livro de versos que viu a luz no Porto, — *Typ. Commercial Portuense, em 1838.* — (1)

(1) A este livro se referiu o poeta portuense, — tão esquecido quão digno de figurar ao lado de outros, — J. Peixoto de Miranda, na *Advertencia* que precede o seu poema *Cale*, quando disse: «... Obras poeticas, primicias de uma joven Musa, que não deixará de dar mais elevados vôos, continuando a desferil-os.» —

N'um dos proximos numero do *Academico* dar-se-hão tambem a lume algumas das obras de Peixoto.

Desde essa epocha não publicou mais obra alguma, posto tenha ineditas bom numero de composições.

Como commentario unico á presente poesia, diremos apenas que o snr. Antonio Leite era apaixonado pelos poetas da *Arcadia* e da *Nova Arcadia*, e que ha muitos annos se deixou do mister das musas para se entregar a negocios particulares; vindo conseguintemente as suas composições a, na ideia e na fórma, se resentirem um pouco do gosto que predominava na escóla classica, sem no emtanto serem de todo destituidas de merecimento.

Devemos estes versos e apontamentos a seu sobrinho, nosso collaborador e amigo dedicado, Leite de Vasconcellos.

Eis o soneto:

AOS ANNOS DE UMA SENHORA

Não digo em teu louvor, que a madrugada
Rompe serena, magestosa e bella,
E que o astro da luz vem após ella
A natura animar desanimada;

Não digo em teu louvor, que a deusa amada
Do terrivel Mavorte se desvela
Em colher-te na Idalia uma capella
P'ra te adornar a fronte apressurada;

Não digo em teu louvor, que um teu sorriso
É mais grato ao mortal que á dita aspira,
Que os dons que ufano encerra o Paraiso.

Só digo o que a razão me dicta e inspira:
— Mil sublimes virtudes te diviso;
És do teu sexo a gloria, o meu te admira!

ANTONIO LEITE C. P. DE MELLO.

O MATERIALISMO HODIERNO E O HOMEM

Ha em philosophia um systema conhecido pelo nome de *Materialismo* que, pretendendo resolver todos os problemas que o espirito humano se póde propôr, orgulha-se de dar-lhes uma solução *facil*, *clara* e *completa*.

É certo que o materialismo é uma das fórmas que em nossos dias tem revestido o desenvolvimento do pensamento philosophico; porém não tem a graça da novidade.

Thales, o fundador da escóla jonica, e em geral os philosophos physicos foram materialistas.

Leucippo define a alma «um complexo de atomos redondos»; Democrito diz que o pensamento é mero resultado do contacto de moleculas; Crates, indo mais longe, nega a existencia da alma; Lucrecio no seu poema *De rerum Natura* canta em versos magnificos o systema de Epicuro.

Modernamente esta doutrina foi ensinada e propagada por Voltaire, Helvecio, Cabanis e Priestley que pretendeu demonstrar a materialidade da alma.

Os materialistas contemporaneos, copiando os materialistas do seculo passado, como estes copiaram os da antiguidade, occultam sob os ouropeis de uma phraseologia ás vezes equivoca e obscura as armas embotadas do antigo systema materialista.

O que ensinam relativamente ao homem os apostolos do materialismo hodierno?

Os materialistas começam por admittir unica e exclusivamente o que póde ser alcançado pelos sentidos. Feuerback diz: «só é real o objecto dos sentidos e o que elles podem alcançar»

Por uma consequencia forçosa não admittem a força physica, una e identica; e se empregam o termo *alma* não é para designarem o principio animico que pensa, sente e quer, mas sim, como diz Vogt: «as diversas funcções dos nervos nos animaes superiores».

O principio que se esforçam por sustentar é a correlação necessaria entre o cerebro e a força pensante. Se a intelligencia é na razão directa do cerebro, concluem os materialistas, é um producto do cerebro.

O pensamento é o resultado de combinações de phosphoro, azoto, carbono,... e a sensibilidade é mero producto dos nervos.

N'uma palavra; a alma, suas faculdades, operações e productos, são um phenomeno *physico-chimico*.

É esta a essencia da doutrina materialista, pelo que respeita ao homem.

Será verdadeira?

Estamos longe de o acreditar.

O materialismo, admittindo como unica e exclusiva origem das ideias os sentidos, cáe no gravissimo erro de negar a existencia, aliás inconcussa, de outras ideias de que a consciencia e a razão são origem.

Não só temos ideias de seres corporeos, extensos e divisiveis, temos tambem ideias de seres incorporeos, inextensos e indivisiveis, que não são do alcance dos sentidos, e ideias absolutas e immutaveis tão reaes e mais poderosas que as primeiras e que, traduzindo-se em principios, se apresentam ao espirito como leis immutaveis e eternas que regem o mundo real e effectivo e que hão-de necessariamente reger todos os mundos possiveis.

E estas ideias, carecterisadas pelas notas de universalidade, não podem derivar dos sentidos que só têem por objecto o que é particular, contingente e variavel. O materialismo está portanto na impossibilidade absoluta de explicar estas ideias, e por isso nega a sua existencia; e assim torna a sciencia impossivel, visto que esta consiste, não na simples agglomeração de factos, mas, e principalmente, em os conhecer em suas causas, leis e fins; assim que, desde que se não reconheça a realidade dos principios absolutos de causalidade, causas finaes a cuja luz o espirito humano investiga os phenomenos, só se conseguirá amontoar factos que se não provam nem podem demonstrar, quando muito a sciencia reduzir-se-ha a hypotheses gratuitas.

A affirmação *rerum congnoscere causas* é, na theoria

materialista, a affirmação implicita e contradictoria da existencia d'um principio superior ás leis do mechanismo material, e para ser coherente o materialismo devia principiar, não por se arrogar um systema philosophico, mas um conjuncto d'asserções infundadas.

Depois, as mesmas razões que assistem ao materialismo para negar a realidade das ideias absolutas e universaes e para terem como reaes unica e exclusivamente os objectos dos sentidos, assistem tambem ao idealismo para negar a legitimidade dos sentidos.

E diremos que a verdade está simultaneamente em ambos?

Não póde ser, a verdade é absoluta; estes dous systemas não podem ser verdadeiros se quizerem ser exclusivos. Affirmamos a legitimidade dos sentidos, assim como a da razão, não recusando dar a cada uma o que de direito lhe pertence.

O principio da correlação necessaria entre a força pensante e o cerebro, não é absolutamente verdadeiro, como quer o materialismo, e por isso não póde ser principio fundamental de sciencia. Não negamos que haja casos em que ha uma certa proporção entre o cerebro e a intelligencia, mas tambem se não póde negar que muitos e muitos ha em que esta proporção se não verifica.

D'alguns factos particulares não nos é licito concluir a universalidade.

A affirmação indubitavel da consciencia de que eu sou uma força que penso, sinto e quero, e que me reconheço *uno* e *identico* na variedade e successão dos phenomenos psycologicos é um facto que bastaria para destruir o systema materialista impotente para os explicar. Se o pensamento é producto do cerebro, como se fórma a ideia de Deus, de espirito? O cerebro é materia e esta é indefinidamente divisivel, como tambem affirma o materialismo: como explicar a unidade da substancia que pensa, sente e quer? Mais: a materia é sujeita constantemente a mudanças, o homem não leva para a sepultura um só dos atomos com que nasceu; como explicar a identidade da substancia espiritual? É impossivel; a unidade que eu sou é incompativel com a solidez e extensão; a identidade que caracterisa a substancia não pode realisar predicados contradictorios. Se o sujeito pensante não é uno, é impossivel o juizo e o raciocinio; se não é identico, é impossivel a memoria, é absurda a imputação das acções moraes; e assim o materialismo nos leva necessariamente a consequencias que são totalmente oppostas ao consenso unanime de todos os povos em todos os tempos e logares.

Confessamos que não obstante a clareza e facilidade com que o materialismo diz resolver todos os problemas, nada vêmos; alegra-nos porem o termos comnosco um dos principaes corypheus d'esta doutrina, Buchner, o qual diz que: «não podemos comprehender como o cerebro produz o pensamento, todavia é assim.»

É a folha de figueira com que se cobriu Adão quando viu a sua nudez.

Porem não só diremos que é incomprehensivel, mas que é impossivel; e não podemos aceitar qualquer doutrina que em vez de tentar explicar os factos mais incontestaveis, pelo contrario os destróe e anniquila.

O materialismo confunde os meios com as causas, e por isso faz resultar o pensamento, a intelligencia e liberdade do que é cego, ignorante e fatal!

O materialismo ufana-se de dar uma solução satisfatoria ao problema mysterioso da alma com o corpo, e julga ter n'isto um titulo sufficiente á sympathia dos povos.

(Continua)

LUCIO SERRA.

RECORDAÇÃO

A ***

—

Meu Deus! que fada, que visão, que anjo!
que meigo archanjo! que sorrir o seu!...
Que olor, que aroma não exhalava o lyrio...
e que martyrio não é agora o meu!...

Foi maga estrella que fulgiu nos ares,
e que nos mares se afundiu veloz!
Raiou apenas por um só momento,
c'o meu tormento me deixou a sós!

Foi meteóro que o ceu escuro
c'o brilho puro tão fugaz doirou...
mas ah! qu'extincto lá negror immenso
inda mais denso ao morrer deixou!

Quem dera, anjo! que eu podesse ainda
a imagem linda, 'num instante só,
terno abraçar-te 'num amplexo ardente...
depois... contente me tornára em pó!

Eu dava a terra com seus grãos thesoiros,
preciosos oiros, do universo as galas,
futuro, sonhos, illusões e vida
para querida! te ouvir as fallas

Se f'liz tivera — celestial doçura —
inda a ventura d'outra vez te ver,
aos pés ver-me-hias 'num suspiro ardente,
louco, fremente — delirar, morrer!

Queria, ó virgem! segredar-te as magoas,
candentes fragoas em qu'esta alma jaz!...
Com que vontade te mostrára o peito,
convulso leito de paixão voraz.

Como inebriado ao fixar teus olhos,
aureos escólhos d'uma vida calma,
s'elevaria 'num transporte grato
p'r'os ceus d'um jacto com ardor minh'alma!

Mas ah! mau fado! eu conheço triste
Que nada existe para mim, ó flor!
Nenhuma esp'rança me sorri no anceio
oh! d'este seio confessar-te o amor!

Serei no mundo só um pobre louco
que a pouco e pouco se definha em dôr!
Hão-de os ferozes insultar meu pranto,
rasgar meu canto com atroz furor!

Mas que m'importam esses vis motejos
— infernaes beijos de amargor lethal?...
Dá-me um sorriso, mago anjo casto,
que n'um ceu vasto tornarás meu mal!

Meu Deus! que fada, que visão, que anjo!
que meigo archanjo! que sorrir o seu!
Que olor, que aroma não exhalava o lyrio...
e que martyrio não é agora o meu!...

Porto, 8 de Março.

QUEBERTO LARO.

CALENDARIO POSITIVO

INTRODUCÇÃO: DO CALENDARIO EM GERAL

A vida collectiva da humanidade, assim como a vida de cada individuo humano, desenrolam-se no tempo e no espaço: para o coordenação d'uma e d'outra é indispensavel a fixação de cada facto, de cada acontecimento sob aquelles dois aspectos. A demarcação dos logares pertence á geographia: a determinação dos tempos á chronologia. Esta determinação dos tempos tem por base o estabelecimento d'um *calendario*.

Dá-se este nome ao systema de medição do tempo, comprehendendo: 1.º a instituição d'uma unidade de duração, fixa, uniforme, invariavel, susceptivel de ser aferida em qualquer occasião, como convem que seja toda a unidade; 2.º a formação dos multiplos e submultiplos d'esta unidade; 3.º o estabelecimento d'uma origem fixa, a partir da qual, e tanto para tempos posteriores como anteriores a ella, se contem o numero de unidades e fracções d'unidades que decorrem. Obter tudo isto foi objecto de muitos esforços, de observações e raciocinios para a humanidade; e aqui, como em todos os casos, depois de bem formulado o problema, conseguir a sua perfeita educação não se alcança d'um jacto; obteve-se primeiro uma solução grosseiramente aproximada, a qual foi recebendo progressivos e incessantes aperfeiçoamentos, até chegar ao estado em que hoje se encontram. No presente artigo não faremos essa historia, que é todavia interessante; contentar-nos-hemos com apresentar rapidamente os ultimos resultados alcançados..

Não é inteiramente arbitraria a quantidade, que convem tomar para unidade de medida das grandezas da sua especie; e em particular pelo que respeita ao tempo, importa que a duração que se tomar por unidade esteja em correspondencia com a duração de phenomenos que interessem directamente á vida do homem. E nenhum ha que mais esteja n'este caso que o do movimento diurno, que, fazendo apparecer o sol no nascente, transportando apparentemente este astro até o occaso e fazendo-o surgir outra vez n'aquelle primeiro ponto, divide a duração em intervallos de trabalhos e descanço; e o phenomeno das estações que, produzindo alternativas de temperatura, regula a vida dos vegetaes, dos quaes o homem tira mediata ou immediatamente a sua alimentação, e impera sobre todas as reações sociaes. Assim as condições phenomenaes obrigam a estabelecer para o tempo duas unidades, o dia e o anno. Mas as condições arithmeticas da medição exigem que estas duas unidades sejam ligadas por uma relação numerica precisa; e se acaso elles não forem commensuraveis entre si, será preciso empregar um artificio para estabelecer systematicamente a sua correspondencia

E assim é. Quando os progressos scientificos permittiram perceber na apparencia illusoria a realidade das coisas e dos phenomenos, reconheceu-se que as apparencias do movimento solar eram realmente devidas a que a terra volvia sobre si mesmo com um movimento perfeitamente uniforme e ao mesmo tempo seguia com um movimento variado, mas cuja lei se averiguou, uma orbita elliptica, de que o sol occupava um dos focos. Reconheceu-se mais que o plano d'esta orbita não coincidia com o plano perpendicular ao eixo de rotação da terra e passando pelo centro d'esta, (plano chamado equador), que estes dois planos se cortavam seguindo uma linha recta, que marcava na trajectoria terrestre duas posições da terra, nas quaes e para qualquer logar d'esta era o prazo de visibilidade do sol egual ao da sua invisibilidade, não se dando este caso em nenhuma outra posição. Estes pontos foram por isso denominados equinoxio da primavera um d'elles, e o outro equinoxio do outomno.

Em virtude do movimento de rotação da terra cada logar á superficie d'esta vê o sol apparecer no seu horisonte, elevar-se progressivamente até um maximo de culminação e, continuando a seguir caminho no mesmo sentido, descer até ao horisonte e desapparecer então para reapparecer outra vez depois de certo tempo onde da vez anterior tinha surgido; o instante do maximo de culminação diz-se meio dia, e o intervallo entre dois meios dias consecutivos é o dia solar.

Mas por causa da coexistencia do movimento de translação com o de rotação, e tambem porque o plano da ecliptica, segundo a denominação corrente não coincide com o do equador, este intervallo não é constantemente o mesmo, varia continuamente, entre limites pouco distantes, todavia, como a unidade de tempo deve necessariamente ser invariavel, e como importa que não diffira muito do dia solar verdadeiro, tomou-se para valor d'ella uma quantidade constante media entre a de todos os valores d'esta ultima duração. É o que se chama dia medio. Eis a primeira unidade de tempo.

A outra unidade é o intervallo comprehendido entre dois equinoxios da primavera consecutivos; denomina-se anno tropico. Não é constante, e não contem um numero inteiro de dias. Aproximadamente é igual a 365 dias medios mais um quarto de dia, menos tres quatrocentos avos de um dia. Ora o anno civil deve necessariamente conter um numero inteiro de dias, porque não era conveniente que um mesmo dia podesse pertencer a dois annos differentes; fez-se, pois, cada anno civil de 365 dias exactos, durante tres annos consecutivos: de quatro em quatro deu-se-lhe mais um dia de duração, isto, é fez-se o anno de 366 dias, mas no espaço de 400 annos omittiu-se tres vezes esta alteração. D'est'arte conseguiu-se que o computo dos annos civis correspondesse sem grandes differenças ás mesmas posições da terra na sua orbita, e formou-se a segunda unidade de tempo, tendo um valor perfeitamente determinado, e ligado á outra unidade por uma relação precisa.

Havendo numerado os annos a partir d'uma epocha qualquer, systematisa-se aquelle augmento de um dia, convencionando-se que o teria, que seria *bissexto*, o anno cujo numero d'ordem fosse divisivel por quatro, entendendo-se que o numero de ordem d'um anno secular é o do seculo correspondente. Chama-se anno secular aquelle cujo numero d'ordem é expresso por um qualquer numero de centenas sómente; assim 1700, 1800, 1900, etc. são annos seculares, e nenhum d'estes é bissexto, porque 17,18 e 19 não são numeros divisiveis por 4; 2000 é anno secular, é bissexto, porque 20 é multiplo de 4.

A numeração das unidades de tempo, que teem um fundamento notavel termina aqui, mas entre o dia e o anno, e bem assim como subdivisões do dia e como multiplos do anno estabeleceram-se algumas outras unidades, que são puramente convencionaes.

(Continúa)

MOREIRA DE SOUSA.

ALLUSÃO INTIMA

O que és? Que veu luctuoso
me circumda o teu mysterio?
És o anjo silencioso
das campas do cemiterio?

O que és? Onde, em que berço
te despertaram do somno?
Subiste a escada do throno,
ou desces ao fado adverso?

O que és? Baga de pranto
que escalda a alma que a chora,
ou nota triste d'um canto
de sereia enganadora?

O que és? Que mão sublime
te c'roou de brancas flores?
No teu passado ha um crime
de clandestinos amores?

Se tu és a mancenilha,
tens as mortes fulminantes,
que braços os teus, ó filha,
p'ra sepultura de amantes!

Voz tão gentil, quem t'a deu
com tão prodiga harmonia?
Oh! canta mais, cotovia,
que me despertas, Romeu!

Falla mais, mais, eu desejo
morrer d'amor ao teu lado,
sejam dois beijos, um beijo,
a c'roa do meu noivado.

O que és? Nuvem que passa
do ceu no azul transparente?
Mas toda a negra desgraça
tem um riso intermittente.

Quem te obriga, ó anjo obscuro,
a sepultar no mysterio
talvez um olhar ciderio,
vida, espr'ança, amor, futuro?

S'eu te visse um dia, embora
por uns momento sequer,
pudendo amal-a, senhora,
ou dar-te beijos, mulher;

S'eu te visse a face amada
fitar-me, sorrir, talvez
me achasses no pó da estrada
morto d'amor aos teus pés.

Quem és tu que tão bem vibras
o punhal na escuridão,
e me golpeias as fibras
do innocente coração?

Quem solta uma gargalhada
sobre a loisa tumular?
Que importa a vida passada
s'eu homem sou, sei chorar?

Que tem qu'eu vergasse a fronte
ao peso d'immensa dor?
Vi outro sol no horisonte
e achei-lhe mais esplendor!

Tive sede? Sim, confesso
que tinha os labios a arder;
uma fonte deu-me ingresso,
acceitei-o, fui beber!

Se isto é uma inconstancia
não ha firmeza em ninguem;
visse-a eu... sem repugnancia,
talvez a amasse tambem!

Porto.

FELIX D'OLIVEIRA.

O PRESBYTERIO DE VILLA-COVA

(A MEU PRIMO P. ADRIANO LEITE)

As ferias são para o estudante como o oasis em meio do deserto para e viajeiro cançado; são o calix do allivio que elle antevê do seu caminho de abrolhos.

Cábulas e verdadeiros amigos do estudo, todos amam as ferias: para aquelles não passam, é verdade,

de um prolongamento de vida ociosa e vagabunda; mas para estes tornam-se uma necessidade.

O descanço não o podemos dispensar; o proprio Jehovah descançou ao fim da obra dos seis dias.

Começei com este preambulo para dizer que nas curtas ferias do Entrudo deixei temporariamente o Porto, onde ha dous annos estudo, a fim de ir passar alguns dias a uma aldeia um pouco distante da cidade invicta, — e que em singela e humilde phrase pretendo contar a historia da minha viagem.

A escolha da aldeia cahiu sobre *Villa-Cova-de-Carros*, freguezia em que um primo meu, — a quem este pobre escripto vae dedicado, — é parocho e vive em companhia dos paes e de irmãos.

A aldeia em si pouco vale a pena de com ella se gastar tinta e papel; as costumeiras, porém, dos habitantes e as circumstancias que occorreram durante a minha estada alli, levaram-me a emprehender o presente trabalho. Dividi-lo-hei em duas partes: a primeira occupar-se-ha da descripção do paiz, etc; na segunda enumerarei alguns dos costumes d'aquelle povo e outros factos dignos de menção.—

I

Sahi da estação de Campanhã ás 8 horas e 45 minutos da manhã. Vão comigo varios estudantes do collegio de S. Carlos, uns meus condiscipulos d'este anno, outros do anno passado, — Aloysio Torres, João P. da Silva, Joaquim M. da Costa, Christovão d'Almeida, etc.—

Já veem os meus leitores que a viagem não devia ser triste, — e na verdade o não foi.

Os rapazes são buliçosos de natureza, a ponto do Diabo do Inferno, segundo a lenda piedosa nos refere, nada querer com elles.

A locomotiva, veloz como um relampago, obrigou-nos rapidamente a atravessar as diversas estações: Rio-Tinto, Ermezinde, Vallongo, Recarei e Cête.—

Ó bemaventurado Progresso, quanto te não devem os mortaes! Quão mais justo não era que em vez do culto que muitos prestam a irrisorias imagens, se erguesse a tua estatua no meio do mundo, e a humanidade em peso adorasse o Deus puro e immaculado que se nos revela em ti?

O homem tem trabalhado muito, e mais ainda tem para trabalhar.

Hoje somos transportados através dos campos, dos mares e do espaço quasi com a instantaneidade com que a imprensa transmitte nossos escriptos, e o telegrapho nossas ideias e os telephones *(o de Bell* e o *de Reuss)* as nossas palavras e as harmonias dos nossos instrumentos!

Todas as sciencias se dão hoje as mãos, se auxiliam e aperfeiçoam mutuamente para a grande obra do aperfeiçoamento humano.

Deixemos rouquejar a malvadez ignara; deixemos estorcerem-se de desespero e furia os sectarios da Treva e do Erro, e continuemos a andar. Loucos que não ouvem a voz que os convida ao banquete da gloria! cegos, que não veem o sol bemfazejo que os alumia!

Ponhamos tadavia de parte isto e prosigamos a narração.

Em Paredes, estação immediata a Cête, tive saudoso de despedir-me dos meus amigos e companheiros: elles continuaram na sua manhã febril dentro do comboio, e eu retirei-me mansamente á villa de Paredes, d'onde em breve me dirigi ao termo da viagem. Eram 11 1|2 horas quando cheguei a Villa-Cova.

(Continua)

J. Leite de Vasconcellos.

RÊVERIE

E. A.

—

É noite: o astro ingente
dormita vacillante
envolto n'um turbante
vastissimo, luzente;

e eu penso tristemente,
c'o seio palpitante,
n'um beijo fulminante
do teu amor ardente.

Se lembro as alegrias
das tardes d'alguns dias
de grandes expansões,

qu'ria com unhas d'aço,
rasgando o peito lasso —
golphar-te dos pulmões!

Porto.

Baptista Coimbra.

GALERIA BIOGRAPHICA

FR. AMADOR ARRAES

Uma das epochas mais brilhantes e celebradas da nossa historia patria é sem duvida a do reinado de D. Manuel. Foi, como o appellida a historia, um monarcha venturoso. D. Manuel, favorecido pela sua estrella, soube imprimir ao seculo em que viveu o mesmo caracter, que Pericles á Grecia, e Augusto a Roma. É que o seculo decimo quinto foi notavel e grandioso pelas suas revoluções scientificas e descobertas de todo o genero. Constantinopla, a sabia d'então, cáe á chegada de Mahomet e com ella o imperio do oriente, espalhando pela Europa as artes, sciencias e letras, retidas dentro de seus muros.

Propaga-se a descoberta de Gutfemberg e Luthero com a sua reforma rasga novos horisontes á actividade humana até alli coarctada.

Portugal anima-se com este movimento, partici-

pando d'essa vida fertil e civilisadora. Os nossos escriptores de nomeada visitam a Italia, de cujo seio irradiava a luz pela Europa inteira e que havia dado guarida aos sabios foragidos, escapos ao alfange do filho do Alcorão.

Brilham as sciencias, lettras e artes. Gran Vasco dá o seu nome á escóla da pintura portugueza; D. Francisco de Mello cultiva com esmero as sciencias exactas; Azurara e Ruy de Pina lançam os primeiros fundamentos da nossa historia patria; Bernardim Ribeiro inaugura a poesia bucolica; Gil Vicente funda o theatro nacional e Camões com o seu poema levanta a Portugal um padrão immorredouro. A esta epocha grandiosa pertence tambem o bispo de Portalegre — Fr. Amador Arraes — escriptor de nome e moralista consummado. Era natural de Beja, cidade no Alemtejo. Não é bem averiguado o dia do seu nascimento. Em 24 de Janeiro de 1545 recolheu-se ao Convento Carmelita de Lisboa e ahi se demorou por algum tempo. A 31 de Janeiro do anno seguinte vemol-o em Coimbra, sendo o primeiro a professar aquelle sagrado instituto.

Fez tamanhos progressos no estudo da philosophia e theologia, e tal era a fama de seu saber, que os Conegos Regulares de S. Agostinho de Santa Cruz de Coimbra, que n'aquelle tempo só convidavam para o ministerio varões eminentes e insignes em lettras sagradas e profanas, o admittiram em seu seio, como *ledôr* d'aquellas sciencias.

Depois de receber o gráo de Doutor em theologia começou a espalhar a semente do evangelho; e tantos e tão salutares fructos colhia da sua prégação que o proprio monarcha, o desditoso rei D. Sebastião, não só o quiz ouvir, mas até o nomeou seu prégador. Fr. Amador Arraes foi coadjutor do Cardeal D. Henrique, quando Arcebispo d'Evora. Em 30 de outubro de 1581 foi nomeado Bispo de Portalegre por Philippe II. Mostrou-se sempre um prelado sollicito. Duas vezes visitou a sua diocese e duas vezes convocou synodo para a reforma dos costumes. Era o pae dos pobres, donzellas e viuvas. Com grossas sommas de dinheiro resgatou todos os soldados da sua diocese, captivos na infausta jornada de Alcacer. A Sé de Portalegre, uma das Cathedraes mais sumptuosas, foi ornada por elle com pavimento de pedra mui polida.

Foi elle tambem o fundador do Seminario que actualmente existe reformado consideravelmente e á altura das necessidades da epocha. Era parco e modesto. Em 1596 renunciou o bispado e, recolhendo-se ao Collegio de Coimbra, ahi morreu em 1600. Amador Arraes manejava perfeitamente o portuguez; é reconhecido e lido pelos criticos como mestre da lingua, e o melhor exemplar do estylo temperado. Os seus *Dialogos* são escriptos em estylo facil e claro, phrase correcta e limada. Trata o primeiro das queixas dos enfermos e curas dos medicos: o segundo do allivio dos afflictos: o terceiro da gente judaica: o quarto da gloria e triumpho dos luzitanos: o quinto das condições e partes do bom principe: o sexto das vias porque Deus n'este tempo nos chama: o septimo da fortaleza e paciencia christã: o oitavo do testamento christão: o nono da consolação para a hora da morte: o decimo da invocação de N. Senhora.

Portalegre.

CORREIA DE SEIÇA.

A UMA SOPHIA

Tu vives como um sonho abençoado
e á luz do teu olhar illuminado
vae-me fugindo da existencia o alvor;
e eu sem poder um dia — ó minha amante,
deitar-me em teus braços delirante,
assim rimando umas canções d'amor!

Porto.

XAVIER DE CARVALHO.

DILEMMA

Eu vivo n'um martyrio sem egual,
habito noite e dia entre amargores!
Falto de inspiração, falto de amores,
e na algibeira nem c'um só real!

Ninguem me quer no mundo! As Julietas,
por isso que não uso chapéo fino,
bengala, luvas brancas e lunetas,
como parisiense figurino,

dizem-me honradamente: «Vai-te embora,
não percas tempo a passear na rua!
De ti jámais nenhuma se namora!
Rimas não gastes em canções á lua!—»

Hei-de porém tirar vingança atroz:
ou attendeis meus canticos, ó fadas,
ou vos arranco ás faces nacaradas
quanto carmim trazeis e pó de arroz!

Porto.

J. LEITE VASCONCELLOS.

DESALENTO

A F. J. DE SOUZA LOUREIRO JUNIOR

No leito de medonha enfermidade,
Nas garras d'uma dôr desanimada,
Vai-me a vida par'cendo um quasi nada,
Ao vêr antecipar-se a eternidade.

Mil golpes d'uma enorme intensidade
Retalham-me esta vida atribulada;
E os sonhos d'uma sorte bem fadada,
Roubou-m'os ferozmente a realidade.

Meu Deus! se inda ha sequer um linitivo,
Que da vida me doire a vã chimera,
Posto que momentaneo, fugitivo; —

É que c'o um doce beijo a primavera,
O olhar me cerre, baço, e afflictivo
A campa perfumando que m'espera!

Porto.

ANTONIO M. D'ALBUQUERQUE.

Porto: 1878—Typ. Commercio e Industria, rua do Corpo da Guarda, 29.